



"Infância em Soure na Década de 60: O Cinema, Janela para o Mundo"

Ernani Chaves

Doutor em Filosofia - USP.
Professor do Departamento de
Filosofia e do Programa de Pós-
Graduação em Teoria Literária
do Centro de Letras - UTPa.
Colaborador eventual com
artigos de cinema para crítica
especializada.

“Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado, deve agir como um homem que escava (...) E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje, o lugar no qual é conservado o velho”.

(Walter Benjamin, “Escavando e Recordando”).

“Histórias no cinema são algo semelhante a rotas de viagem”.

(Wim Wenders, “A Lógica das Imagens”)

Para Cléber e César, os sobrinhos que cresceram em uma Soure sem cinema.

E para Todd East, em Berlim.

“Escavando”

“Hotel am Zoo”, literalmente “Hotel (ao lado do Zoológico)”. Parado do outro lado da rua, meus olhos não conseguiam se afastar daquela placa luminosa que se apresentava diante de mim como um sinal, um traço que insistia em acenar para a memória, em acionar o que parecia estar definitivamente sepultado. Era a primeira vez que eu via Berlim! E, de repente, todo o resto parecia secundário. O caminho, que me levaria, inevitavelmente, à Igreja da Memória, é interrompido pela placa luminosa. Esfrego os olhos e tento entender o sentido daquela placa. Não o seu “sentido” na língua alemã, evidentemente, mas o seu “sentido” na língua da memória. Subitamente, percebo que alguém está saindo do “Hotel am Zoo”. Posso distinguir seu terno escuro, os óculos, o ar misterioso. Ele sai rapidamente e entra num carro. Mas, que carro estranho! Parece ter saído de um museu. Nada semelhante aos modernos veículos que circulam nessa rua. Quem é esse homem? Por que ele insiste em ser apanhado pela minha retina e logo depois, desaparece? Como nos modernos equipamentos eletrônicos, tento retornar a imagem e congelá-la, como se estivesse operando um videocassete.

Novamente o homem, o terno escuro, os óculos, o carro antiquado. Congelo neste momento, no exato momento em que ele entra no carro antiquado. Busco desesperadamente aproximar a imagem e aos poucos, a revelação se dá, em meio aos apelos do amigo espanhol que me chama insistentemente para que continuemos a caminhar. A revelação: é Michael Caine, o homem misterioso. É Michael Caine, um agente britânico que vai solucionar na Berlim da Guerra-Fria um intrincado caso de espionagem, que envolve russos, belas mulheres suspeitas, crimes misteriosos e troca de dissidentes. É Michael Caine num filme dos anos 60, “Funeral em Berlim”! E, de repente, numa fração de segundos, sou dois, sou um duplo: sou aquele que chega pela primeira vez nesta cidade para estudar e estou ali, naquela fria noite de fevereiro, parado diante de um letreiro luminoso; mas, ao mesmo tempo, sou também o menino entrando na adolescência, que já viu aquele letreiro luminoso, há muito tempo atrás, no cinema. No cinema, lugar do “profano” (à exceção da Semana Santa, quando invariavelmente assistia-se ao filme mudo de Ferdinand Zacca sobre a vida de Cristo) com nome de “santo”, no Cinema “Santo Agostinho”, em Soure, onde nasci e vivi até os quatorze anos (“onde fica Soure?” perguntou certa vez o amigo americano em Berlim. E eu, orgulhoso, mostrava no mapa: “Aqui, nesta graaande Ilha, na foz do Amazonas, uma Ilha maior que a Suíça, sabia?”).

“Recordando”

O seminário “São José”, a Casa Paroquial, a Igreja, o Auditório “Santo Agostinho”, o Colégio “Stella Maris” (nesta ordem, de quem dá as costas a Salvaterra). Em frente, a praça. Dois coretos, bancos, um pequeno e baixo coreto central, depois ornado com o busto do D. Alonso, o bispo de muitos anos, que também dava nome ao Ginásio local. E jameiros, que em agosto e setembro floresciam, cobrindo o chão de vermelho-púrpura e fazendo a festa de crianças e adultos em busca dos jambos. Na década de 60, essa era a “geografia” da sociabilidade em Soure: na 3ª rua, entre as Travessas 15 e 16 (a



“aristocracia” rural, vejam só, tomou Nova Iorque como modelo de designação das ruas, onde ruas e travessas são numeradas!). Sábado e domingo, a praça enchia de gente de todas as idades, de todos os bairros. Como se costumava dizer, inverteu-se a fórmula habitual, primeiro a “obrigação” - a missa, depois a “devoção” - passear na praça, encontrar os amigos, conversar e, furtivamente, como mandava o figurino das famílias, “paquerar”. Mas também, invariavelmente, ir ao cinema.

Aquele que vai a Soure ou mesmo morador desavisado, talvez não se dê conta de que, ao lado da Igreja, há uma construção recuada no terreno, que impressiona pelo tamanho de sua fachada. Para os meus olhos de criança, havia uma imponência naquele prédio. Algo de grandioso. Por isso, talvez, construído recuado, à sombra da Igreja, à sombra do “sagrado”, numa clara determinação “espacial” entre a cidade de Deus e a cidade dos homens, como se a possível imponência desta, só pudesse existir, literalmente à sombra da misericordiosa imponência daquela. Dentro, o prédio é de uma austeridade quase feia. Mesmo assim impressionante pela sua altura. Antes, fileiras de cadeiras de pau, desconfortáveis, que depois ficaram um pouco mais suportáveis. No fundo, eleva-se o palco. Por isso, na fachada não se lia “Cinema Santo Agostinho”, mas “Auditório”, pois ali, além de cinema, funcionava o teatro (uma das mais belas lembranças de minha infância), onde peças religiosas eram encenadas pelos alunos do “Stella Maris” e entre o Natal e o Dia dos Reis, o Auto de Natal ou a “pastorinha”, onde se festejava também o aniversário do Bispo e se realizavam as sessões solenes de colação de grau do Ginásio Estadual “D. Alonso” ou, ainda, entre os gritos ensurdecedores das torcidas, a eleição da “Rainha dos Jogos da Independência”. Espaço “multimídia”, diríamos hoje. Local de reunião, de celebração, de diversão. A “Paróquia” realizava esse trabalho de integração. Em torno da Igreja, dos padres e das freiras se estabeleciam as linhas de continuidade entre a “devoção” e a “obrigação”, entre o lar, a família, a escola e a Igreja, entre as tarefas domésticas e as aulas de catecismo, entre as obrigações religiosas e o espaço necessário do lazer, embora essa ordem de coisas fosse, freqüentemente burlada e subvertida.

O cinema ocupava, nesse jogo entre o sagrado e o profano, um lugar importante. As sessões eram às terças, quintas, sábados e domingos. Elas acompanhavam, rigidamente, o calendário religioso. Às terças, a sessão começava após a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Às quintas, após a novena de Santa Rita de Cássia. Aos sábados à noite,

não havia nenhum ofício religioso (afinal, até Deus descansou no sétimo dia!) e podíamos ir ao cinema sem ter que primeiro, pedir perdão pelos pecados. Aos domingos, após a missa das 19:30. Durante a Semana Santa, apenas a sessão do domingo. Na Semana do Círio, que acontece na segunda quinzena de novembro (quando não há eleições!), havia sessões diárias. Era o “Festival do Círio”, ansiosamente aguardado, pois com um pouco de sorte, eu poderia ir ao cinema todas as noites e ver um filme diferente a cada noite. Isso porque, às vezes o mesmo filme passava em todas as sessões da semana e, invariavelmente, era o mesmo nas sessões de sábado e domingo. A maioria, filmes de “cawbói” e por isso conheci os “Ringos” (onde andaré Guilianno Gema?), “Djangos” e “Sartanas” da vida, alguns filmes de terror e os grandes épicos: “E o vento levou...” (oh, Deus, por que as crianças de hoje preferem os enlatados japoneses a “Scarlett” e “Rett”?), “Ben-Hur” (gritávamos na corrida de bigas, enquanto um silêncio respeitoso caía sobre o cinema nas cenas com Cristo ou quando “Ben-Hur” descobre o que restou da família no vale dos leprosos e nem desconfiávamos que entre “Massala” e “Ben-Hur” poderia haver “algo mais”...), “Quo Vadis” (havia um fervor religioso, uma profunda identificação com os “primeiros cristãos” cantando enquanto esperavam a morte na arena e um alívio quando “Lígia” é salva pelo gigante “Ursus”), “Os Dez Mandamentos” (a cena da travessia do Mar Vermelho me encantava. Como aquilo poderia ter sido feito? E o mesmo Charlton Heston de “Ben-Hur”. E, assim, ficávamos íntimos dos nossos heróis), “Cleópatra” (com a deusa Elizabeth Taylor). De vez em quando, um filme que também passava na “capital”, como “Crow, o magnífico”, com Steve McQueen. Às vezes, uma raridade, como “A Face Oculta”, creio que o único filme dirigido por Marlon Brando. E havia os filmes italianos, da Cinecittá, a maioria em preto-e-branco. Um deles me fascinou especialmente: jamais esquecerei “A Lenda de Enéas”, com Steve Reeves (provavelmente, um italiano com nome em inglês), que acabou se tornando meu primeiro ídolo. “Enéas”: a história do guerreiro troiano, que após a guerra de Tróia, vai para a Sicília. Muitos anos depois, por necessidades de ofício, voltei várias vezes a me encontrar com “Enéas” e sempre me ocorriam, desfiguradas pelo esquecimento, algumas imagens desse filme. E assim, guerras, revoluções, casos complicados de amor, príncipes, princesas, reis, rainhas, sultões, desbravadores, desfilavam na tela do “Santo Agostinho”. Torcíamos, às vezes com gritos e palmas, pelo “herói” e pela “mocinha”, incentivávamos o “herói” a exterminar o vilão e nos



Charlie Chaplin



entristecíamos quando, uma vez ou outra, não havia um final feliz. Muitas vezes o filme continuava nas conversas da escola e cada um contava a sua versão, cada um fazia o seu final, como se cada um tivesse assistido a um filme diferente. Com os dedos, imitávamos um revólver, “abríamos fogo” (um tiro sempre certo), depois soprávamos o resto de pólvora no cano do revólver e “disparávamos” a frase fatal: “Ringo não perdoa, mata!”.

“Janela para o Mundo”

Durante a semana, o alto-falante da Prelazia anunciava a programação do cinema. Na Semana do Círio de 70, anunciava-se um filme com um nome ao mesmo tempo familiar e estranho: “Teorema”. Palavra que nos lembrava o terror da Matemática. O que seria um filme com esse título? A curiosidade era geral. Não consigo lembrar o que aconteceu durante a sessão: gritos e exclamações, que iam da surpresa ao espanto, apupos, certamente. Só sei que foi a minha primeira grande viagem. Uma viagem ao mundo interior com Pier Paolo Pasolini. Uma viagem sem volta, pois na saída do cinema, tudo era diferente. O mundo era diferente, o mundo era muito maior do que aquele que se apresentava a minha frente e que acabava às margens do rio Paracuari. Quando penso no que me levou a estudar filosofia, penso sempre nesta noite, à saída de “Teorema”, a cabeça zumbindo com tantas indagações, com tantas perguntas sem resposta (que pena que hoje, a maioria pense que Terence Stamp é apenas “uma das rainhas do deserto” e não conheçam, para parafrasear Buñuel, o seu “Anjo Exterminador” em “Teorema”). Desde aí, compreendi que o cinema poderia até ser “a melhor diversão”, mas que ele poderia ser também uma possibilidade de pensar, de refletir, de “ler” criticamente o mundo. Desde aí, a religião não me consolou mais.

“Rotas de Viagem” ou “O lugar do velho no terreno de hoje”

Há muito o cine “Santo Agostinho” não funcionava. A impressão que tenho, quando vou a Soure, é que o imponente prédio virou um “elefante branco” e que as novas gerações nada sabem dele. A televisão chegou em 1970 e aos poucos foi substituindo o cinema e o rádio. Com a televisão, chegou também o telefone. E a torre da Telepará ajudou a melhorar, pouco a pouco, a imagem cheia de chuviscos. As aventuras da tela foram perdendo seu lugar para as novelas, até desaparecerem

completamente. Lembro a cena de “Bye, bye, Brasil” quando a “trupe” comandada por José Wilker se aproxima de Altamira, achando que no interior do Pará ainda haveria lugar para o circo e a desolada constatação da existência das muitas “espinhas de peixe” nos telhados da cidade. Hoje, mais sofisticadas, as “espinhas de peixe” viraram “parabólicas”. Em Soure, há muitas delas. Do cinema, nenhuma história para contar. “Seu Otávio, “double” de motorista da Prelazia e de “operador” no cinema, já morreu. Levou consigo, sem poder legar a ninguém, o segredo precioso de fazer brotar daqueles rolos que chegavam pelo “Presidente Vargas”, as imagens maravilhosas que fizeram a alegria da minha infância.

Assim, na minha peregrinação pelo mundo, o ato de ir ao cinema repete, com certeza, a alegria infantil de ver surgir o mundo na tela. Em vez de bugigangas de aparelhos eletrônicos sofisticados ou de “souvenirs” geralmente “bregas”, minha recordação e minha imagem das cidades por onde andei, são permeadas pelo cinema. Em Zurique, “As Vozes da Lua”, de Fellini, com a tela cheia de subtítulos em francês e alemão (imaginem um filme em inglês: a metade da tela ficará inundada de legendas em três línguas: francês, alemão e italiano, os idiomas da Suíça), em Bruxelas, “Crimes e Mentiras”, de Wood Allen (com legendas em francês e em flamengo), em Praga, “Crocódilo Dundee”, em Madrid, um Almodóvar, em Lisboa, “Jules et Jim”, de Trauffaut (rindo muito com a tradução para aquele cinema (em especial, a um pequeno cinema no Quartier Latin, com o nome de um filme de Pasolini:



Woody Allen



James Stewart em "A Felicidade não se Compra"

("Accatone"), em Berlim, quase todas as quartas-feiras ("Kinotag", "dia do cinema", a preços mais baratos, com Eunice, a amiga portuguesa), em São Paulo (onde a ida ao cinema, com Cristina e Edilson é obrigatória). Mas, essa paixão pelo cinema só pôde se intensificar porque entre o cine "Santo Agostinho" e o mundo, houve o Cine-Clube da APCA, aqui em Belém. Tímido, ia às sessões do Grêmio Literário Português e às da sede da AABB (onde vi, pela primeira vez, "A Felicidade não se compra") e, confesso, não entendi, na época, por que aquele senhor que escrevia na "Província" endeusava tanto aquele filme), acompanhava a crítica de cinema local nos jornais e assisti a um dos cursos sobre "Linguagem cinematográfica", ministrados pelo Pedro Veriano. Depois, as voltas da vida me fizeram amigo e colega de trabalho da Luzia Álvares, e a paixão pelo cinema, despertada no cine "Santo

Agostinho", me tornou também um eventual comentador de filmes, através da generosidade da Luzia, que várias vezes concedeu espaço na sua coluna do "Liberal", para as minhas "elocubrações".

E se me fosse perguntado que sonho eu gostaria que a magia do cinema realizasse nesse centenário, eu não teria dúvidas em dizer: que "Bruno" (Rüdiger Vogler), aquele que consertava velhas máquinas de projeção de filmes em pequenas cidades perdidas ao longo da fronteira que separava, antigamente, as duas Alemanhas, no filme de Wim Wenders, "Im Laufe der Zeit" ("No Decorrer do Tempo"), chegasse em Soure, com seu velho caminhão, estacionasse na praça hoje morta, tão deserta, desenterrasse a velha máquina de projeção do "Santo Agostinho" e fizesse brotar, mais uma vez, na tela do antigo cinema, as imagens do mundo.